

O DESENCONTRO SINTÁTICO-SEMÂNTICO EM UMA CONSTRUÇÃO DE TÓPICO: A CONSTRUÇÃO DE ARGUMENTO CINDIDO COM SN-ARTEFATO

Thais Fernandes SAMPAIO*

- RESUMO: Assumindo a perspectiva da Gramática das Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006; TOMASELLO, 2006), este artigo apresenta e discute um caso de desencontro sintático-semântico em uma Construção de Tópico do Português do Brasil. A Construção de Argumento Cindido com SN-Artefato (*Meu tênis descolou o solado; O computador queimou o HD*) foi inicialmente descrita e analisada em pesquisa que identificou uma Família de Construção de Argumento Cindido no PB (SAMPAIO, 2010). Em uma breve apresentação de nossos pressupostos teóricos, discutimos, especialmente, o conceito de Construção e de Construção de Estrutura Argumental (GOLDBERG, 1995, 2003) e o conceito de desencontro (ou *mismatch*, nos termos de Francis e Michaelis (2000), Michaelis (2004) e Traugott (2007)). A partir da análise de dados de uso, o estudo procura oferecer um tratamento abrangente ao fenômeno, considerando aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos da Construção. A análise identifica, nas instanciações dessa Construção, um desencontro no número de argumentos (um argumento semântico e dois argumentos sintáticos), e confirma a motivação pragmática desta, caracterizando-a como uma Construção de Tópico.
- PALAVRAS-CHAVE: Gramática das construções. Tópico. Argumento cindido. Desencontro sintático-semântico.

Introdução

As propostas para tratamento das relações entre as propriedades semânticas do verbo e a expressão de seus argumentos e predicados, via de regra, não dão o devido valor ao papel das **construções**, das **informações lexicais** e dos **fatores discursivos**. Esta constatação é, inclusive, uma das motivações do trabalho de linguistas como Goldberg (2005), que parte do pressuposto de que, se tais elementos fossem devidamente levados em conta, tanto as **exceções** quanto as tendências gerais dessas relações poderiam ser tratadas naturalmente, sem a necessidade de estipular condições gramaticais adicionais.

* UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Letras. Juiz de Fora – MG – Brasil. 36036-900 – thais.fernandes@ufjf.edu.br

Essa proposta de uma abordagem mais abrangente dos fenômenos linguísticos possibilita, por exemplo, a verificação e o tratamento de uma questão extremamente interessante – embora normalmente subfocalizada –, que é a questão do **desencontro** (*mismatch*, no inglês) **entre estruturas sintáticas e semânticas**. De fato, os casos de desencontro são relativamente comuns nos diferentes níveis de análise linguística e acreditamos que a investigação a respeito do tema pode contribuir para um melhor entendimento dos princípios que orientam a relação entre construções e informações lexicais.

Tendo em vista o exposto, e assumindo a perspectiva da Gramática das Construções Baseada no Uso, este trabalho tem o objetivo de oferecer uma análise da construção que licencia sentenças do tipo:

- (1) **Minha moto fundiu o motor** com 10000 mil quilômetros rodados.
(Reclame Aqui)
- (2) gente eu tenho um pavillion dv6220BR...**e ele queimou a placa de video**
(Reclame Aqui)
- (3) *ganhei um sapato de presente em janeiro e* **ele arrebentou a correia** 4 vezes
(Reclame Aqui)
- (4) *socorro* **minha bota derreteu o salto** em plena rua
(Reclame Aqui)
- (5) **O chinelo descolou toda a parte da frente**, o couro soltou-se.
(Reclame Aqui)

Segundo nossa análise, a construção que licencia as ocorrências acima – a CAC-artefato – é um dos membros de uma família de Construções que, em trabalho anterior (SAMPAIO, 2010), foi denominada Família de Construções de Argumento Cindido (CAC). O mencionado trabalho, que procurou aliar o recurso à introspecção à análise criteriosa de dados de uso, possibilitou a identificação de uma Construção de Estrutura Argumental do Português do Brasil, a CAC, e a postulação de uma Família de Construções de Argumento Cindido, cujos membros foram assim rotulados: **CAC-artefato** (1-5); **CAC-parte do corpo** (6); **CAC-posse alienável** (7); **CAC-entidade atributo** (8).

- (6) Em 1988, **Zetti quebrou a perna** em uma partida contra o Flamengo.
(Folha de São Paulo)
- (7) **Rubinho quebrou o carro**. Que novidade!
<<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20071021105905AAbOpCX&cp=6>>
- (8) **o visor diminui a luminosidade** do nada e de forma constante...
<www.reclameaqui.com.br/.../n-73-nao-vou-ser-enganado-mais-uma-vez/>

Esses subtipos da CAC partilham importantes propriedades, mas apresentam especificidades relevantes e diferem, por exemplo, no seu grau de produtividade. A mencionada proposta de descrição e análise dessa família de Construções (SAMPAIO, 2010) assumiu como pressuposto básico a ideia de que a interpretação geral de uma sentença decorre da integração da Construção de Estrutura Argumental (CEA) com o verbo principal e seus vários argumentos, tendo em vista determinadas condições de uso. Desse modo, foram estudados diferentes aspectos da construção em foco, buscando integrar suas características semânticas, sintáticas e discursivas, observadas nos dados de uso.

Como afirmado anteriormente, este artigo foca na construção rotulada CAC-artefato; subtipo da CAC que reúne todos os traços característicos dessa família de Construções, de modo que sua descrição e análise permitem uma visão geral da Construção de Estrutura Argumental que licencia toda a família de construções. Antes, porém, de tratarmos das instanciações da CAC-artefato no Português do Brasil (doravante, PB), discutiremos brevemente alguns dos pressupostos teóricos do estudo ora apresentado: (i) as noções de construção e de construção de estrutura argumental; (ii) a fusão entre os argumentos dos verbos e os argumentos da construção; (iii) o conceito de desencontro (*mismatch*). Ademais, explicitaremos em uma breve seção o processo de busca e organização dos dados analisados.

A noção de construção

Na história dos estudos linguísticos, a existência de construções na gramática aparece, via de regra, como um fato autoevidente, não merecedor de qualquer atenção especial. Na perspectiva da Gramática Gerativa, por exemplo, as construções sintáticas são vistas como um epifenômeno, um produto da interação de princípios gerais, estes sim capazes de capturar generalizações entre padrões gramaticais.

Assim, a abordagem construcionista não introduz a noção de construção na Linguística, mas promove uma revisão desse objeto teórico, oferecendo-lhe um novo status na gramática. De elemento acidental a elemento essencial, os construcionistas reconhecem na Construção a unidade básica do conhecimento linguístico e, conseqüentemente, a unidade básica da gramática. Isso porque, nessa abordagem, as construções são definidas como **pares armazenados de forma e sentido**, incluindo morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões sintáticos com especificação parcial e padrões sintáticos gerais. Nessa perspectiva, qualquer padrão linguístico é reconhecido como construção, desde que algum aspecto de sua forma ou de seu sentido não seja totalmente previsível a partir das partes que o compõem ou de outras construções já postuladas (GOLDBERG, 1995, 2003).

De fato, ao atribuir significado a padrões sintáticos, a Gramática das Construções se distancia de outras teorias de gramática, tendo em vista que, na visão padrão de sintaxe, os sintagmas têm significado, mas as regras que os criam não têm. Na abordagem construcionista que subscrevemos, entretanto, os padrões sintáticos não só possuem significado como têm a capacidade de mudar o significado das palavras que agrupam. E mesmo os padrões sintáticos básicos são descritos em termos de construções.

As construções de estrutura argumental

O tratamento das sentenças básicas de uma língua em termos de Construções de Estrutura Argumental (CEA) é uma inovação teórica que remete ao trabalho de Goldberg (1995). Tais construções são definidas por Goldberg (1995, p.3) como “[...] a special subclass of constructions that provide the basic means of clausal expression in a language.” Assim, Goldberg trabalha com a hipótese de que as Construções de Estrutura Argumental estão diretamente associadas às estruturas semânticas que refletem as cenas básicas da experiência humana (alguém se movendo; alguém causando o movimento de algo; alguém transferindo algo para outra pessoa, etc.). Nessa perspectiva, são exemplos de Construções de Estrutura Argumental do Português:

1. Construção de Movimento Causado

X causa Y mover-se (em direção a) Z – ex. *Ronaldo chutou a bola para a arquibancada.*

2. Construção Resultativa

X causa Y tornar-se Z – ex. *Felipe deixou a mãe preocupada.*

3. Construção de Transferência de Posse

X causa Y ter Z – ex. *Carlos deu o ingresso para o filho.*

Atualmente, inúmeros trabalhos na linha construcionista assumem a noção de Construção de Estrutura Argumental como proposta por Goldberg (1995) e a utilizam como ponto de partida para a análise dos padrões sintáticos básicos de uma dada língua e para a discussão de relevantes aspectos teóricos e metodológicos do estudo da linguagem. É o caso, por exemplo, das discussões acerca da distinção argumento/adjunto (KAY, 2005; GOLDBERG, 2005); da análise de dados de *corpus* no âmbito da Gramática das Construções (GRIES, 2011; STEFANOWITSCH; GRIES, 2003); do tratamento de fenômenos de coerção e mudança de tipo (MICHAELIS, 2004, 2005; TRAUOGOTT, 2007); da noção de produtividade das construções (BARDDAL, 2006), entre outros. Todos esses trabalhos empregam essa inovação teórica, de modo que as Construções

de Estrutura Argumental vêm assumindo um papel central nos estudos sobre a linguagem desenvolvidos pelas diferentes versões da Gramática das Construções.

A fusão dos argumentos do verbo com os argumentos da construção

No modelo construcionista da estrutura argumental, a interpretação geral de uma sentença é atribuída à integração da Construção de Estrutura Argumental (CEA) com o verbo principal e seus vários argumentos, à luz do contexto pragmático no qual a sentença é proferida (GOLDBERG, 2006). Goldberg (1995, 2006) se refere às lacunas nas CEA como “papéis argumentais” (*argument roles*). Segundo ela, os papéis argumentais associados às CEA correspondem, em linhas gerais, aos papéis temáticos tradicionais como **agente, paciente, instrumento, origem, tema**, etc. Entretanto, como nessa perspectiva tais papéis são definidos a partir das exigências semânticas de construções particulares, eles tendem a ser mais específicos e numerosos que os papéis temáticos tradicionais.

Os papéis argumentais de uma construção são estabelecidos por meio de generalizações feitas a partir dos papéis semânticos de verbos particulares que ocorrem naquela construção. Assumindo a perspectiva da Semântica de Frames (FILLMORE, 1977; PETRUCK, 1996), cada sentido de um verbo é convencionalmente associado a um frame, que especifica o número e o tipo de lacunas associadas àquele determinado sentido do verbo em questão – na literatura da FrameNet (projeto lexicográfico computacional, coordenado por Charles Fillmore e Colin Baker), essas lacunas serão ocupadas pelos chamados Elementos de Frame (EFs). Desse conjunto de EFs, alguns são lexicalmente **perfilados**, no sentido de que são obrigatoriamente expressos ou, quando não expressos, devem receber uma interpretação definida.

Consideremos, para fins de ilustração, as seguintes realizações da Construção Causativa Agentiva no Português:

- (9) *Victor quebrou o copo.*
- (10) *Letícia arrebentou a corda.*
- (11) *Tiago descascou a parede.*
- (12) *Neide cozinhou as batatas.*

Na Semântica de Frames os papéis dos verbos são altamente específicos (papéis microtemáticos) e, muitas vezes, exclusivos a um determinado sentido do verbo. Assim, no que diz respeito aos papéis dos verbos das sentenças acima, poderíamos ter algo como:

- *quebrar* (quebrador, quebrado)
- *arrebentar* (arrebentador, arrebentado)
- *descascar* (descascador, descascado)
- *cozinhar* (cozinheiro, cozido)

Tendo em vista o exposto, os papéis argumentais da Construção Causativa Agentiva seriam definidos por meio de uma generalização a partir dos papéis semânticos dos verbos que, prototipicamente, ocorrem como verbos principais de construções transitivas. Assim, os papéis argumentais da CEA Causativa Agentiva do Português seriam **agente** e **paciente**, tendo em vista que os verbos prototípicos dessa construção selecionam dois argumentos: (i) um do tipo *quebrador*, *arrebentador*, *descascador*, *cozinheiro*, que pode ser genericamente rotulado de **agente**; (ii) outro do tipo *quebrado*, *arrebentado*, *descascado*, *cozido*, que pode ser generalizado como **paciente**. Desse modo, a interpretação de qualquer instanciação dessa construção no Português seria alcançada, entre outras coisas, por meio da combinação dos papéis semânticos específicos do verbo da sentença em questão com os papéis argumentais dessa CEA, nesse caso, agente e paciente.

Goldberg (1995, 2006) entende que essa combinação entre os papéis semânticos dos verbos e os papéis argumentais da construção é orientada por dois princípios gerais: o **Princípio da Coerência Semântica** e o **Princípio da Correspondência**.

O primeiro desses princípios estabelece que apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos. Por exemplo, o participante **vendedor** do frame de **vender** poderia ser fundido com o papel argumental de agente da Construção Causativa Agentiva, tendo em vista que **vendedor** pode ser construído como um tipo de **agente**. O mesmo não se daria, por exemplo, com o participante **mercadoria**, que, por suas características semânticas, não pode ser construído como um tipo de agente.

Já o Princípio da Correspondência prevê que um argumento lexicalmente **perfilado** do verbo será fundido com um argumento construcionalmente **perfilado**. Ou seja, de acordo com esse princípio, a semântica lexical e a pragmática discursiva estão, em geral, alinhadas. Desse modo, os participantes que são altamente relevantes para o sentido do verbo (*the profiled participant roles*) são provavelmente os mesmos que são relevantes ou importantes para o discurso, tendo em vista que aquele verbo particular foi escolhido dentre outras alternativas lexicais. Mais especificamente, este princípio exige que papéis semanticamente salientes sejam codificados por relações gramaticais que garantam um grau suficiente de proeminência discursiva, ou seja, pelos papéis argumentais **perfilados** da construção.

Ao assumir que o verbo tem seus próprios papéis **perfilados** que devem ser associados aos papéis **perfilados** da construção, Goldberg (2006) prevê quatro possíveis situações na combinação entre eles.

A situação prototípica é aquela em que os participantes **perfilados** do verbo alinham-se perfeitamente com os papéis argumentais de uma CEA. É o que verificamos, por exemplo, na associação do verbo **dar** com a Construção de Transferência de Propriedade (SALOMÃO, 2008). Nesse caso, em uma sentença como **Maria deu o livro pro filho**, os papéis do verbo (possuidor, recurso, recipiente) alinham-se totalmente com os papéis argumentais da construção (agente, tema, alvo), realizando-se, respectivamente, como sujeito, objeto e complemento oblíquo.

Uma outra possibilidade bastante comum é aquela em que um papel semântico que não é do tipo obrigatoriamente expresso (que, na literatura da FrameNet, corresponderá a um elemento de frame periférico) e que também não corresponde a um papel argumental da construção aparece na sentença como um adjunto. É o caso da expressão **com as unhas** no enunciado **Tiago descascou a parede com as unhas**. Como vimos, o verbo **descascar** tem apenas dois EFs centrais (descascador, descascado) e a construção transitiva, dois papéis argumentais (agente, paciente). Por isso, o instrumento – ou qualquer outro EF periférico –, quando expresso, será realizado como um adjunto.

Uma terceira situação envolve a realização de papéis **perfilados** do verbo em estruturas normalmente classificadas como adjuntos. Por exemplo, o verbo **carregar** – no sentido de pôr algo no interior de um contêiner com o objetivo de que seja transportado – tem três EFs centrais: o carregador, o recipiente e a carga. Contudo, em uma sentença do tipo **Eles carregaram o caminhão com soja**, o EF carga é expresso em um sintagma que tradicionalmente seria classificado como um adjunto (**com soja**). Na verdade, essa possibilidade está prevista no Princípio da Correspondência, que estabelece que “[...] *if a verb has three profiled participant roles, then one of them may be fused with a nonprofiled argument role of a construction.*” (GOLDBERG, 1995, p.50).

Finalmente, a quarta situação está relacionada a um dos pressupostos construcionistas, qual seja, o de que **as construções licenciam argumentos e complementos**. Segundo esse pressuposto – que pode ser visto como a solução construcionista para a variabilidade da valência verbal –, a lista de papéis semânticos do verbo pode ser aumentada para igualar-se à lista licenciada pela construção. Por exemplo, o verbo **correr** no PB é um verbo inergativo, que, prototipicamente, seleciona um argumento externo, com papel semântico de **agente**, como em (13). Mas quando combinado com uma Construção Causativa Agentiva, como em (14), sua valência é aumentada e seu significado passa a ter uma interpretação causativa.

(13) **O homem mais rápido do Mundo correu** na Jamaica.

<www.noticias.esquillo.com/2009/03/14/>

(14) **A velha** quebrou um galho de cuieira e **correu os cachorros**, ralhando.

<www.archive.org/stream/.../3476240_djvu.txt>

Assim, em (14), o sujeito não é simplesmente **aquele que corre**, mas **aquele que faz correr**. E essa mudança não é uma particularidade do verbo **correr**. O mesmo fenômeno ocorre, por exemplo, com o verbo **casar**, em um enunciado do tipo **Ele casou a filha na igreja**. Nesse caso, o sujeito é reinterpretado como **aquele(a) que faz casar**, por força da construção causativa à qual o verbo foi associado.

De fato, o modelo construcionista de variabilidade verbal é mais econômico do que o baseado no léxico: usando um pequeno número de construções de estrutura argumental, ele limita o número de entradas lexicais necessárias para cada verbo (MICHAELIS, 2009). Contrastivamente, numa visão tradicional, o significado é visto como algo exclusivamente da esfera das palavras, e as regras sintáticas não fazem mais que determinar qual sequência de símbolos funciona como unidade para determinado propósito sintático. Assim, enquanto regras sintáticas reuniriam palavras e seus elementos dependentes em sintagmas, e os sintagmas denotariam conceitos complexos como predicados e proposições, as regras não poderiam acrescentar qualquer conteúdo conceptual àquele que veio das palavras; e também não poderiam alterar propriedades combinatórias destas (KAY; MICHAELIS, 2012). Na perspectiva da Gramática das Construções, elas não só podem como fazem: acrescentam conteúdo conceptual e alteram propriedades combinatórias das unidades lexicais.

O fenômeno do desencontro

Uma hipótese tradicionalmente aceita sobre a linguagem, que justificou muitas das análises derivacionais propostas pelo gerativismo, é a que Culicover e Jackendoff (2005) chamam de *Interface Uniformity*. Tal hipótese é resumida por esses autores nos seguintes termos: “*The syntax-semantics interface is maximally simple, in that meaning maps transparently into syntactic structure; and it is maximally uniform, so that the same meaning always maps onto the same syntactic structure.*”

Contudo, muitos fenômenos linguísticos contrariam essa hipótese e, para sustentá-la, o empreendimento gerativista precisou recorrer a estruturas profundas e a transformações para dar conta de incongruências sintático-semânticas nas estruturas de superfície. A questão que se coloca, entretanto,

é: se, na observação dos fatos, tal hipótese não se sustenta, por que defendê-la a qualquer custo? Não seria mais correto adotá-la como tendência geral e analisar as “exceções”, ao invés de tentar adequá-las a um suposto padrão natural?

É nesse sentido que o termo *mismatch* – que estamos traduzindo como **desencontro** – tem sido usado para descrever um conjunto de fenômenos linguísticos que envolvem um mapeamento entre elementos ou estruturas incongruentes, sendo esta incongruência definida em relação a uma condição típica ou *default* (FRANCIS; MICHAELIS, 2000). Traugott (2007) ilustra a diferença entre harmonia e desencontro com as construções de modificação de grau. Entre os modificadores de grau, é possível fazer uma distinção entre intensificadores e maximizadores. Os intensificadores localizam seu núcleo para cima (**muito**) ou para baixo (**pouco**) em uma escala, em relação a um ponto estabelecido. Já os maximizadores (**completamente**) colocam seu núcleo no topo de uma escala. Tipicamente, os intensificadores combinam-se harmoniosamente com núcleos graduáveis ou ilimitados, conforme exemplifica (15), e os maximizadores com núcleos não graduáveis ou delimitados, como se vê em (16). Assim, em (17), verificamos, no mesmo enunciado, dois exemplos de uma relação harmoniosa – **muito confortável, muito bonita** – e um exemplo de desencontro – **completamente bonita**. Já em (18), outra possibilidade de desencontro nas construções de modificação de grau, que é a combinação de um intensificador com um núcleo não graduável – **muito grátis**.

(15) **Muito bonito**, mesmo. Um pouco triste, mas bonito.

<www.overmundo.com.br/.../um-anjo-triste-chorou-no-meu-ombro>

(16) **Totalmente Grátis** é um guia de sites selecionados e divididos por categorias. É a melhor forma de encontrar o que procura.

<www.totalmentegratis.com.br/>

(17) A moda fitness ganhou espaço porque ela é uma moda **muito confortável**, é **muito barata** também... e **completamente bonita!**

<revistapegn.globo.com >

(18) Ahh, passagens na TAM daqui da bahia para POA, saiu R\$ 390,00 .. **muito grátis** vei.

<<http://listas.softwarelivre.org/>>

Michaelis (2005) argumenta que os casos de desencontro são uma evidência de que o sentido de uma sentença não vem de uma única fonte e de que a interpretação de um desencontro demanda um procedimento inferencial chamado **mudança de tipo implícita** (*implicit type-shifting*). Nos casos de desencontro em que uma construção gramatical denota um tipo diferente

de entidade ou evento daquele denotado pela expressão lexical com a qual é combinada, tal procedimento alteraria a designação convencionalizada do preenchedor lexical.

A gramática das construções baseada no uso

Seguindo um movimento que alcançou os principais modelos de análise linguística, a Gramática das Construções Baseada no Uso propõe analisar a linguagem a partir de dados reais de uso, utilizando métodos da Linguística de *Corpus*. E, embora seu surgimento possa ser associado a um movimento geral caracterizado pela reivindicação de métodos empíricos mais rigorosos nos estudos linguísticos, entendemos que essa versão da Gramática das Construções é uma etapa natural do seu amadurecimento e não uma simples resposta às pressões de um movimento externo. Nos termos de Goldberg (1995), se assumirmos que uma gramática baseada no uso será aquela que entende que fatos sobre o uso efetivo de expressões linguísticas – como frequência e padrões específicos absolutamente composicionais – são armazenados da mesma forma que generalizações linguísticas, concluiremos que a maioria das abordagens construcionistas é baseada no uso. Além disso, como enfatiza Tomasello (2006), no que diz respeito aos processos de aquisição, a Gramática das Construções se alia muito naturalmente a perspectivas baseadas no uso, nas quais a estrutura linguística emerge do uso, por meio de processos cognitivos gerais, tanto histórica como ontogeneticamente.

Tradicionalmente, o léxico e a gramática de uma língua são vistos como dois fenômenos completamente distintos: um conjunto de itens lexicais específicos e um conjunto de regras abstratas. Daí, a pretensa necessidade de oferecer tratamentos diferentes para léxico e gramática: fenômenos qualitativamente distintos demandariam métodos investigativos igualmente distintos. Contudo, teorias linguísticas mais recentes, dentre as quais destacamos a Gramática das Construções, têm defendido a ideia de que léxico e gramática não são essencialmente diferentes (para discussão a respeito, ver, por exemplo, Stefanowitsch e Gries (2003)). E essa nova visão de linguagem aproxima o estudo da gramática do estudo do léxico, inclusive no que diz respeito à metodologia adotada.

De modo geral, nas abordagens baseadas no uso, a competência do falante é entendida como o manuseio eficiente de todos os seus itens e estruturas, o que constitui um conjunto de representações linguísticas muito mais complexo e diversificado do que a *core grammar* das abordagens formais. Nesse sentido, um modo plausível de entender a competência linguística madura seria mesmo em termos de um inventário estruturado de construções.

Tomasello (2003), por exemplo, em sua Teoria de Aquisição da Linguagem Baseada no Uso, sugere que a criança chega a construções linguísticas abstratas partindo de construções baseadas em itens, usando habilidades cognitivas gerais, habilidades sociocognitivas e habilidades gerais de aprendizagem.

De modo geral, os modelos baseados no uso costumam operar com duas propriedades fundamentais: a **frequência de ocorrência** e a **frequência de tipo**. Em relação à frequência de ocorrência, a hipótese é que, cada vez que uma construção é usada, ela ativa conexões ou padrões de conexões na mente. E a frequência dessa ativação afeta o armazenamento daquela informação, fazendo com que esta seja armazenada como uma unidade gramatical convencionalizada. Nesse modelo, portanto, a frequência de ocorrência é correlacionada à **convencionalização** da construção. Assim, quanto maior o número de ocorrências, maior o grau de convencionalização.

Já a **frequência de tipo** diz respeito ao número de diferentes formas linguísticas que são consideradas instanciações de uma construção particular. Nesse sentido, a frequência de tipo está correlacionada à **produtividade** da construção (para discussão sobre o conceito de produtividade, ver Barddal (2006)). Isso equivale a dizer que quanto maior for o número de tipos – formas linguísticas –, maior a produtividade da construção.

Os estudos de viés construcionista que trabalham com evidências de uso real da linguagem vêm aumentando substancialmente, mas alguns fatores ainda seguram o ritmo desse crescimento. Entre tais fatores, destacamos: (i) a limitação dos *corpora* disponíveis; (ii) o fato de que os pressupostos e a metodologia da Linguística de *Corpus* são muitas vezes mal compreendidos e/ou sub-utilizados; (iii) o fato de que a formação tradicional do linguista não contempla os conhecimentos estatísticos exigidos pela Linguística de *Corpus* (GRIES; DIVJAK, 2012).

Na análise de fenômenos linguísticos do PB, particularmente, quando optamos por uma abordagem baseada no uso, o problema da disponibilidade de *corpus* é o primeiro a aparecer e, muitas vezes, é uma barreira muito difícil de superar. Em seu breve panorama da Linguística de *Corpus* no Brasil, Tony Sardinha (2004) elenca vinte e um *corpora* eletrônicos do português – brasileiro e europeu. Contudo, pelo menos no que diz respeito ao PB, não há um movimento das instituições que constituíram seus respectivos *corpora* no sentido de criar um banco de dados comum, com livre acesso para os pesquisadores interessados. Pelo contrário, algumas instituições dificultam esse acesso, de modo que o *corpus* acaba só sendo usado por pesquisadores daquela instituição. Sem dúvida, essa dificuldade desestimula análises baseadas no uso, pois coloca diante de cada pesquisador o desafio – muitas vezes, insuperável – de constituir um *corpus* para realizar sua pesquisa.

A dificuldade de acesso a *corpora* devidamente tratados e de dimensões minimamente satisfatórias torna-se um problema ainda mais urgente para estudos como o nosso, que propõem análises abrangentes, integrando informações lexicais, construções e fatores discursivos. Contudo, o reconhecimento dessa dificuldade não pode configurar um impedimento para a realização da pesquisa. Se não podemos contar com condições ideais, precisamos nos adaptar às condições reais. A próxima seção apresenta o percurso metodológico resultante dessa adaptação.

Os dados analisados

Os dados para a análise da Família de Construções de Argumento Cindido no PB foram coletados, principalmente, em três fontes: (i) o *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006); (ii) o *corpus* da *Folha de São Paulo*, através do VISL; (iii) o site Reclame Aqui.

O *Corpus* do Português¹ é constituído por quase 57.000 textos em português do século XIV ao século XX, somando mais de 45 milhões de palavras, e é resultado do trabalho de Mark Davies (Brighan Young University) e Michael J. Ferreira (Georgetown University). O *corpus* reúne textos de diversas fontes e apresenta uma interface de pesquisa bastante simples. O grande diferencial desse *corpus* é o fato de que uma pesquisa em seu banco de dados recobre sete séculos de uso do Português. A possibilidade de reunir informações que nos permitissem investigar o desenvolvimento diacrônico da CAC motivou o uso dessa fonte.

O CETENFolha é um *corpus* de cerca de 24 milhões de palavras em português brasileiro, criado pelo projeto Processamento Computacional do Português (projeto que deu origem à Linguateca) com base nos textos do jornal *Folha de São Paulo*.

O site Reclame Aqui se apresenta como “o espaço do consumidor na internet”. A página possui um sistema de reclamações disponível para qualquer usuário que se cadastre no site. Ali, o usuário pode expressar sua reclamação quanto a atendimento, compra, venda, produtos e serviços. Essa reclamação é então publicada e um aviso é encaminhado, via e-mail, à parte reclamada. A resposta da parte reclamada, quando há, também é publicada no site.

A princípio, optamos por usá-lo como uma fonte de dados porque observamos, nas buscas livres no Google, que vários exemplos vinham desse site. Em um segundo momento, percebemos que a estrutura de seus textos – mensagens normalmente curtas, em uma linguagem escrita, mas muito próxima da oral – poderia oferecer um rico material de análise.

¹ <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>

Definidas as fontes, passamos à delimitação dos itens de busca. Como, ainda na fase inicial da pesquisa, percebemos que a grande maioria das ocorrências da CAC estava vinculada à evocação do *frame* de “dano sofrido”, nossa lista de verbos incluiu os seguintes itens:

- verbos que expressam dano principalmente em seres humanos: **deslocar; destroncar; fraturar; lesionar; machucar; torcer.**
- verbos que expressam dano principalmente em artefatos: **arrebentar; derreter; descascar; descolar; descosturar; entortar; fundir; rasgar.**
- verbos que podem expressar dano em seres humanos ou em artefatos: **furar; queimar; quebrar.**

Mais tarde, com a inclusão da CAC entidade/atributo no estudo, os verbos **aumentar, diminuir, subir, baixar, melhorar e piorar** foram incluídos. Para cada um dos vinte e três verbos, o processo de pesquisa seguiu as seguintes etapas:

- (i) busca de todas as ocorrências daquele item lexical em cada uma das fontes de pesquisa previamente definidas;
- (ii) seleção das ocorrências do item em questão em construções de interesse da pesquisa;
- (iii) busca específica da construção identificada em seu contexto de origem.

Em relação à etapa (i), no *Corpus* do Português e no da *Folha de São Paulo*, que possuem mecanismos de busca especialmente desenvolvidos para pesquisa linguística, basta inserir a forma infinitiva do verbo para ter acesso a todas as suas ocorrências nos textos ali compilados. Já a busca no site Reclame Aqui não pôde ser realizada da mesma forma. Desse modo, optamos por utilizar a sistema de busca avançada do Google e usar a opção de restringir a varredura ao domínio “<www.reclameaqui.com.br>”, inserindo na janela “uma das expressões” diversas possibilidades de realização do verbo em questão (por exemplo, quebro OR quebra OR quebramos OR quebram OR quebrava OR quebrávamos OR quebravam OR quebre OR quebrem OR quebrar OR quebrei OR quebrou OR quebraram OR quebrasse OR quebrassem OR quebrássemos). Utilizando tal estratégia, conseguimos realizar em um site específico da internet uma busca bastante semelhante à realizada em um *corpus*, como o da *Folha de São Paulo*.

Diante do resultado da busca – muitas vezes milhares de ocorrências – iniciamos o trabalho de seleção dos dados, em um processo lento que já configurava uma pré-análise. Considerando os objetivos da pesquisa, o conjunto de construções de nosso interesse incluiu não apenas toda a família da CAC, mas também as Ergativas Canônicas com SN complexos, do tipo suscetível à

cisão verificada na CAC. Consideramos Ergativas Canônicas as ocorrências compostas por um SN sujeito-paciente e um SV, como (19). No caso específico da pesquisa realizada, foram considerados apenas os casos em que esse SN é composto por um núcleo e um adjunto, entre os quais se verifica uma relação semântica de possuidor/possuído ou parte/todo, como se observa em (20a). Tal recorte se justifica pelo fato de que apenas nesses casos pode-se assumir uma alternância entre a Ergativa Canônica e a CAC-artefato, possibilidade ilustrada em (20b). Além disso, também foram coletadas Ergativas Invertidas com o mesmo tipo de SN. Chamamos de Ergativas Invertidas aquelas ocorrências em que se percebe uma inversão da ordem dos constituintes na comparação com a Ergativa Canônica, como em (21).

(19) O cadarço arrebentou.

(20) a. *a parte interna da garrafa derreteu*

(Reclame Aqui)

b. *a garrafa derreteu a parte interna*

(21) *No 2º mês, queimou uma lâmpada do farol*

(Reclame Aqui)

A terceira etapa, que finalizava o processo de coleta de dados, justificava-se pelo fato de que, como pretendemos dar conta de aspectos relativos à estrutura informacional da família da CAC, os fragmentos de texto que resultam do processo de busca, principalmente no Google, são, muitas vezes, insuficientes. Por essa razão, cada construção identificada foi localizada em sua fonte original e armazenada em um contexto ampliado (de modo geral, tal procedimento limitou-se aos dados obtidos por meio do Google). No caso específico do site Reclame Aqui, coletamos a reclamação inteira, o que nos permitiu analisar (22), ao invés de apenas (23).

(22) *Há um ano e meio comprei um aparelho Nokia (modelo N76). Após alguns meses de uso, **ele começou a descascar a parte cromada**. Li vários casos iguais na internet, ou seja, o problema não foi gerado por mau uso. Fui até uma assistência técnica autorizada (no bairro Buritis – BH – MG) e eles me disseram que a carcaça ficava em R\$175 (que é um terço do que o aparelho vale hoje). Enviei a mensagem acima para a Nokia e me responderam solicitando que entrasse em contato com a mesma pelo telefone. Porém, já havia ligado e nada foi resolvido. Já que a carcaça vai sempre descascar, poderiam fazer uma que não fosse cromada, de um material melhor. Infelizmente não tenho condições de pagar este valor. E como é difícil encontrar para comprar, os vendedores colocam os preços lá em cima.*

(Reclame Aqui)

(23) 3 Jul 2009 ... Após alguns meses de uso, **ele começou a descascar a parte cromada**. ... Já que a carcaça vai sempre descascar, poderiam fazer uma que não...

Em casos como esses, só a ampliação do contexto permite a identificação do referente do pronome **ele**, que ocupa a posição de sujeito dessa instanciação da CAC. Uma análise adequada da construção, que leve em consideração sua estrutura informacional, não poderia abrir mão dessa identificação.

A CAC-artefato

O uso da CAC-artefato é normalmente atestado em estudos sobre construções de tópico no PB (PONTES, 1987; KATO, 1989), principalmente com dados de língua falada. Esta pesquisa, entretanto, revela que também é possível encontrá-la, com significativa frequência, em registros escritos.

Em nossos dados, a quase totalidade de ocorrências da CAC-artefato foi encontrada no site Reclame Aqui. Na verdade, as próprias características do site favorecem a ocorrência desse tipo de construção. Diferentemente dos dados da *Folha*, por exemplo – que fala principalmente sobre pessoas e eventos –, os temas principais do Reclame Aqui são produtos e serviços. Daí a grande ocorrência de sentenças com artefatos.

Inicialmente, chegamos a pensar que o fato de a CAC-artefato não ser encontrada no *Corpus* do Português ou no da *Folha de São Paulo* seria um indício de que tal construção estaria restrita a um domínio discursivo bastante específico. Outra hipótese aventada foi a de que essa não ocorrência seria explicada por uma suposta juventude da construção. Contudo, a constituição do grupo de controle (o conjunto de dados compostos pelas ergativas canônica e invertida) demonstrou que não é apenas a CAC que não aparece; nenhuma das três construções com artefato ocorre com frequência nos dados dessas fontes. Essa constatação nos impede, pois, de estabelecer qualquer relação entre a ocorrência da CAC-artefato e o tipo de texto; e também nos impede de fazer conjecturas a respeito da emergência dessa construção no Português do Brasil. Aliás, a ocorrência mais antiga da CAC-artefato é a ilustrada em (24), encontrada no *Corpus* do Português, onde foram encontradas apenas outras três instanciações das construções com artefato do tipo aqui analisadas. Essa ocorrência, com o verbo **partir**, é da obra *Vida Urbana*, de Lima Barreto, datando, portanto, de 1953.

(24) Na entrada da Estrada Real, no canto da Rua José Bonifácio, graças a um buraco que a Light deixa entre os seus trilhos, **uma caleça partiu o eixo**.
(*Corpus* do Português)

Apesar dessa limitação dos dados em relação às fontes – o que só será de fato resolvido quando for constituído um grande *corpus* do Português do Brasil, com uma distribuição equilibrada de tipos textuais –, os dados coletados no site Reclame Aqui constituem um rico material para descrição e análise da CAC-artefato.

Em relação aos tipos verbais, sua instanciação parece ser possível com qualquer verbo que expresse um dano, um prejuízo a um artefato, sem a expressão de um agente responsável pelo dano. Mais especificamente, ela é usada sempre que o dano é conceptualizado pelo usuário como uma espécie de evento espontâneo, e não como resultado da ação de um agente.

Além dos verbos usados nas buscas sistemáticas (**arrebentar, derreter, descascar, descolar, descosturar, entortar, fundir, furar, quebrar, queimar, rasgar**), verificamos a ocorrência da CAC com vários outros verbos, como **soltar, trincar, partir, descarregar, acabar, romper**, etc.

(25) **reebok soltou a lingua em menos de 3 meses de uso.**

(Reclame Aqui)

(26) **OLÁ, meu celular trincou o vidro, mas ele funcional tudo só ñ dá p ver nada...**
gostaria de saber se o q devo trocar é o vidro mesmo

<<http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-91401853-vidro-touch-mp7-midi-377-midi-399-foston>>

(27) **o Smart da minha namorada partiu a correia do AC**

(Reclame Aqui)

(28) **Meu ipod descarregou a bateria**

<www.ipodclub.com.br/forum/index.php?>

(29) **a barragem “Júlio Marinho” rompeu a lateral, com isso a água passa com maior intensidade fazendo com que a lagoa baixe seu nível**

<idopa.blogspot.com/2008_04_01_archive.html>

Tomados em conjunto, esses verbos constituem um grupo bastante definido de verbos que evocam o frame de dano. No caso específico da CAC, esses verbos são usados em uma construção ergativa, com sujeito-paciente, evocando, portanto, **o frame de dano sofrido**. Contudo, a CAC não é a única possibilidade de ocorrência desses verbos, com o sentido de dano sofrido. De fato, esses verbos ocorrem, prototipicamente, em Construções Ergativas Canônicas (30-33):

(30) Ele foi pular de bungee jump, mas **a corda arrebentou.**

<www.dihitt.com.br/.../corda-arrebenta-em-salto-de-bungee-jump-veja>

- (31) **O copo quebrou** e não foi preciso mais nada além da voz de Yma Sumac
<www.lowcura.blogspot.com/.../o-copo-quebrou-e-no-foi-preciso-mais.html>
- (32) *Então, de repente, a janela trincou.*
<www.iasdemfoco.net/mat/.../abrejanela.asp?Id=222>
- (33) **Uma adutora rompeu** nesta quinta-feira e criou um enorme buraco em Cuiabá (MT).
<<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4059198-EI8139,00>>

Segundo os princípios da Semântica de Frames, se temos as mesmas unidades lexicais e o mesmo sentido, podemos concluir que o mesmo frame será evocado. E isso é o que de fato ocorre. Cada um desses verbos, tanto na CAC como na Ergativa Canônica, evoca o frame de dano sofrido. Esse frame, por sua vez, como comprovam os exemplos em (26-29), possui apenas um Elemento de Frame (EF) obrigatoriamente expresso: a entidade afetada.

Tomemos, por exemplo, o verbo **quebrar**, que, em seu sentido incoativo, tem um único EF central: a entidade afetada – o **quebrado**. Este é, como demonstram as sentenças abaixo, o único participante obrigatoriamente expresso. No Português, o SN que corresponde a esse argumento semântico pode ocorrer na posição de sujeito (30) e (32) ou de objeto (31) e (33), sendo preferida a primeira opção.

- (34) *O brinquedo quebrou.*
- (35) *Quebrou o brinquedo.*
- (36) *A xícara quebrou.*
- (37) *Quebrou a xícara.*

Em alguns casos, por conta da intenção comunicativa do falante, ou mesmo da necessidade de detalhamento da informação a ser veiculada – ou, como veremos, de especificidades da própria entidade afetada – esse SN-paciente ocorre na forma de um SN complexo, do tipo ilustrado a seguir.

- (38) **O brinquedo da Isabela** quebrou.
- (39) *Quebrou o brinquedo da Isabela.*
- (40) **A asa da xícara** quebrou.
- (41) *Quebrou a asa da xícara.*

Nessa situação, observa-se, entre os elementos que compõem esse SN, uma relação de PARTE/TODO (40) e (41) e/ou POSSUIDOR/POSSUÍDO (38) e (39).

Esses dois tipos de relação vão gerar situações distintas. As construções aqui chamadas CAC-artefato serão uma opção para o falante, quando a relação for do tipo PARTE/TODO. Em pesquisa anterior (SAMPAIO, 2010), os casos em que há uma relação do tipo POSSUIDOR/POSSUÍDO foram incluídos no grupo da CAC-posses alienável. Consideramos tal subdivisão necessária porque a relação do tipo PARTE/TODO configura uma relação de posse inalienável, que caracteriza os três principais subtipos da CAC e, nesse aspecto, a CAC-posses alienável se revelará um subtipo especial da CAC, com restrições específicas e padrões de uso não verificados nos outros subtipos.

Focando então na CAC-artefato, entendemos que ela será uma opção em todos os casos em que se deseja expressar um dano sofrido por um artefato, que possa ser realizado como um SN complexo, no qual se verifique uma relação de PARTE/TODO. A CAC-artefato pode, portanto, ser caracterizada como uma Construção de Argumento Cindido, com verbo que evoca o frame de dano sofrido. Seu sujeito é um artefato e seu objeto uma parte específica desse artefato, configurando uma relação de posse inalienável.

- (42) **A xícara quebrou a asa.**
- (43) **a escova nº 21(pequena) entortou as cerdas** (Reclame Aqui)
- (44) Só que alegria de pobre dura pouco, **(bolsa rasgou a alça)** (Reclame Aqui)
- (45) **O produto grill derreteu a base plastica.** (Reclame Aqui)
- (46) **Modelo Melissa Hello II descascou todo o salto.** (Reclame Aqui)

Um aspecto que chama a atenção nesse subtipo da CAC é a variabilidade das formas gramaticais/lexicais na realização linguística do seu sujeito. Comparadas com as dos outros membros da família da CAC, as estratégias de retomada do SN-TODO na CAC-artefato são bastante variadas, como ilustra os termos destacados em (47-52):

- (47) *Comprei um mouse na Kabum número de pedido: 26098 e após 8 dias de uso **o mesmo quebrou os botões.*** (Reclame Aqui)
- (48) *Comprei duas bonecas “miracle baby” **ambas** quebraram o pescoço. Minha filha (06 anos) adora a boneca e não sei o que fazer para consertá-la.*
- (49) *Uso as sandálias havaianas há muito tempo, porém em cerca de 7 ou 8 meses **três pares arrebentaram as tiras**, coisa que a empresa alega que não acontece.* (Reclame Aqui)
- (50) *Comprei um aparador de grama Tramontina de 800W, e com duas utilizações **o equipamento** derreteu as parte de plastico.* (Reclame Aqui)

- (51) boa tarde! __eu comprei um tamanco, em canasvieras, santa catarina no momento em que passeava por la,e agora com pouco mais de trinta dias **ele** arrebentou a tira da frente (Reclame Aqui)
- (52) *venho através deste e-mail reclamar que comprei dois óculos de natação (segue modelo abaixo) na qual **o primeiro arrebentou a tira** em menos de 2 meses de uso, e **o segundo saiu a vedação*** (Reclame Aqui)

Essa característica pode ser relacionada ao tipo de linguagem da fonte dos dados. Como é possível observar pelos exemplos, os textos são escritos em uma linguagem com muitas marcas de oralidade e razoável grau de informalidade. Por outro lado, é interessante notar que muitos dos recursos utilizados indicam, por parte do usuário, uma tentativa de dar um caráter mais formal ao texto. O resultado disso é um texto bastante peculiar: uma escrita que apresenta muitas marcas de oralidade (com hesitações, repetições, reduções), com pequenos toques de recursos típicos da língua escrita mais formal. Por exemplo, na fala cotidiana raramente são feitas retomadas com expressões como “o mesmo” ou “ambos”, principalmente quando o referente é um objeto, mas o número de ocorrências dessas formas na CAC-artefato é significativo.

- (53) *Comprei uma bicicleta no Carrefou semana passada e **a mesma quando sai da loja arrebentou o guidom** a 30 metros que eu andava sobre ela.* (Reclame Aqui)
- (54) *Pois é adiquiri um soutien tamanho G da marca citada acima nas Lojasa Renner do Shopping Praiamar da Cidade de Santos – SP e na primeira lavagem (menos de uma semana de uso) **o mesmo arrebenta a alça** (rasga o tecido no local de encaixe da alça)* (Reclame Aqui)
- (55) *uma vez que comprei uma sandália a +/- 08 meses,e **esta** por sua vez quebrou o salto de um pé.* (Reclame Aqui)
- (56) *fiz uma reclamação junto ao sac da candide em dezembro e a te hj nao fui atendida...comprei 2 carrinhos da xuxa e **ambos** quebraram algumas peças... agora, se o jipe se chama rally deveria ter uma certa resistencia e nao quebrar com uma batidinha de nada* (Reclame Aqui)

Outra característica marcante da CAC-artefato é o fato de que suas instanciações apresentam, normalmente, uma estrutura mais complexa do que a observada nos outros subtipos da CAC. Provavelmente, isso também pode ser relacionado ao tipo de linguagem utilizada nesses textos ou à própria função pragmática do texto. Os usuários que escrevem no site têm necessidade de disponibilizar um grande número de informações sobre o artefato que, normalmente, é tópico do discurso, já que, no final das contas, eles procuram solução para um problema específico com um determinado produto adquirido. Por isso, usam e abusam do recurso de especificação e subespecificação dos SNs

TODO e/ou PARTE, anexando informações temporais e/ou circunstanciais, que dão origem a sentenças longas e bastante complexas.

- (57) *infelizmente pela terceira vez venho aqui deixar minha insatisfação pela fralda pampers basica pois de 2 pacotes **uma fralda de cada pacote mais uma vez arrebentou a fita adesiva*** (Reclame Aqui)
- (58) *novamente ficar sem o carro, já que **o mesmo andou menos de 10 km após sair da oficina, e arrebentou a correia dentada.*** (Reclame Aqui)
- (59) *Comprei uma cadeira para usar com o computador produto " cad office c/gas pt" data da compra 05/06/08 nota fiscal n° 4470830 e aconteceu que **esta cadeira final de dezembro quebrou um dos pés,** e ao reclamar na loja com um vendedor ele me disse que realmente esta cadeira havia tido muita reclamação do mesmo problema, no caso o pé que quebra, (...)*
- (60) *Acontece que, com menos de um mês de uso, **o tênis começou a descosturar uma das alças que seguram o cadarço.*** (Reclame Aqui)
- (61) *Comprei um Samsung Omnia i900 na Claro! Bom, depois que terminei de pagar a teceira parcela de seu astronomico valor, notei que **o mesmo iniciou a descascar a moldura prateada ao redor da tela.*** (Reclame Aqui)

Finalmente, ao confrontar tais ocorrências com os dados do grupo de controle (as ocorrências de ergativas canônicas e invertidas encontradas, que também foram analisadas), identificamos um aspecto semântico dos núcleos dos SNs da construção que parece ser levado em conta pelo usuário na hora de optar entre a CAC e a Ergativa Canônica. Verificamos um número muito maior da Construção Ergativa Canônica quando a relação PARTE/TODO é, mais especificamente, uma relação entre PARTE/SUBPARTE, como nos exemplos a seguir:

- (62) *Comprei um tenis da marca Bull Terrier, usei duas vezes, e **a presilia do cadarço arrebentou.*** (Reclame Aqui)
- (63) *Tenho um scenic 2005, e esta com 100.000 km fui fazer uma manobra para estacionar e escutei um click dentro do volante fui informado que **a "fita" do air bag arrebentou.** Não acho quem conserto a não ser trocar todo o equipamento que custa algo por volta de 300,00 reais.* (Reclame Aqui)
- (64) *Possuo uma Ford Escort SW 1997. **Meu cabo de embreagem arrebentou** próximo da alavanca da caixa de câmbio a 60 Km/h.* (Reclame Aqui)

- (65) **o flexível (mangueira q passa fluido de freio para a roda) da roda esquerda dianteira arrebentou**, *me deixando assim, sem freios.*

Isso também ocorre na CAC, mas em número bem menor. E o contraste entre as duas formas fica claramente evidenciado na comparação dos pares (66) – (67) e (68) – (69).

- (66) **Tira da fita arrebenta**

Quero deixar resgitrado a minha reclamação em relação a tira da fita das fraldas... em quase todo os pacotes sempre tem uma ou duas com defeito (Reclame Aqui)

- (67) **Fralda pampers básica arrebenta fita adesiva**

infelizmente pela terceira vez venho aqui deixar minha insatisfação pela fralda pampers (Reclame Aqui)

- (68) *Comprei um fogão DAKO 5 queimadores no Bompreço, quando fomos utilizar o queimador central (o maior), pasmem a base do queimador derreteu manchando o inox e deformando a tubulação* (Reclame Aqui)

- (69) **fogão Brastemp Unique Protege derrete as trempes**

Ocorre que minha mãe no mês de fevereiro deste mesmo ano comprou um fogão de quatro bocas da marca Brastemp, modelo Unique Protege (Reclame Aqui)

Em nossa proposta, este é um aspecto que favorece a análise da CAC como sendo essencialmente uma construção de tópico. Se nenhum dos dois SNs envolvidos na cena a ser descrita é um forte candidato a tópico, a Ergativa Canônica parece a opção mais adequada. Tanto em (66) como em (67), o objeto da reclamação (e, portanto, o assunto da proposição) é *a fralda*. Isso parece influenciar a opção pela CAC em (67) e o uso da Ergativa Canônica em (66). Se em (66) a opção fosse pela CAC (*Fita arrebenta tira*), o usuário promoveria à posição de tópico um SN que, nesse contexto, não tem estatuto comunicativo para tal. Da mesma forma, uma opção pela Ergativa Canônica em (67) (*fitas adesivas da fralda pampers básica arrebenta*), abriria mão de marcar sintaticamente o papel do SN *fralda* na estrutura informacional da sentença em questão, a saber, o de **tópico**.

Em relação aos aspectos gerais de seu uso, nossos dados demonstram uma equilibrada alternância entre a CAC-artefato e a Ergativa Canônica correspondente. Tal alternância ocorre com todos os verbos pesquisados, como demonstra a tabela a seguir.

Tabela 1 – Distribuição das ocorrências do site Reclame Aqui, em relação aos verbos de dano em artefato

	CAC-artefato	Ergativa Canônica-artefato	Ergativa Invertida-artefato
Arrebentar	26	17	5
Derreter	10	8	0
Descascar	60	35	0
Descolar	113	50	1
Descosturar	7	8	0
Entortar	5	5	0
Fundir	14	2	0
Furar	6	7	3
Quebrar	49	50	8
Queimar	42	19	5
Rasgar	31	14	0

Fonte: Elaboração própria.

O desencontro sintático-semântico e o estatuto de construção de tópico

No início deste artigo, afirmamos que, no modelo construcionista da estrutura argumental, a interpretação geral de uma sentença é atribuída à integração da Construção de Estrutura Argumental (CEA) com o verbo principal e seus vários argumentos, à luz do contexto pragmático no qual a sentença é proferida (GOLDBERG, 2006). Afirmamos também que são previstas quatro possíveis situações nesse processo de integração: (i) a combinação perfeita entre os argumentos da construção e os argumentos do verbo; (ii) a expressão, na forma de adjunto, de um elemento que não é argumento da construção e nem argumento perfilado do verbo; (iii) a expressão, na forma de adjunto, de um argumento perfilado do verbo; (iv) o aumento da valência verbal para se adequar à estrutura argumental da construção.

Nossa análise da CAC-artefato concluiu que ela é um subtipo de uma CEA do Português que associa o padrão sintático SNV SN ao sentido de uma entidade, sem controle sobre o evento, sendo afetada – na maior parte das vezes, negativamente – em uma parte específica. Concluímos, ainda, que essa Construção de Estrutura Argumental do Português licencia dois papéis argumentais: o TODO-afetado e a PARTE-afetada. Além disso, podemos perceber que os verbos que normalmente ocorrem na CAC-artefato (no sentido evocado nessa Construção) são verbos ergativos, ocorrendo prototipicamente em estruturas intransitivas. Esses verbos

selecionam um único argumento sintático – o sujeito – e um único argumento semântico – o paciente.

Desse modo, o que observamos na CAC-artefato (e em todos os outros membros dessa família) é um caso de desencontro sintático-semântico, tendo em vista que o único argumento semântico do verbo é cindido, de modo que a construção apresenta dois argumentos sintáticos. Na verdade, essa situação corresponde à quarta possibilidade prevista por Goldberg (2006) na integração das Construções de Estrutura Argumental com seus verbos principais: a valência verbal é aumentada para se adequar à estrutura argumental da construção.

Diante disso, a questão que pode ser colocada é: se a língua já dispõe da Construção Ergativa Canônica para expressar o mesmo conteúdo semântico, o que motiva o uso da CAC?

Acabamos de afirmar que os verbos que ocorrem nessa construção são verbos que, usados com sujeito-paciente – como são na CAC –, possuem apenas um elemento de frame obrigatoriamente expresso: a **Entidade Afetada**. Ocorre que, quando esta entidade afetada é instanciada por um SN complexo no qual se observa uma relação do tipo PARTE/TODO, cria-se uma situação interessante. A alternativa que a língua oferece de imediato para a construção de SNs desse tipo é a expressão do TODO na forma de um adjunto adnominal: *a sola do sapato*; *o pneu do carro*; *a asa da xícara*; *a bateria do celular*, etc.

Assim, quando SNs desse tipo ocupam a posição de sujeito de verbos ergativos, são construídas Ergativas Canônicas como as das sentenças abaixo:

(70) *A sola do sapato furou.*

(71) *O pneu do carro furou.*

(72) *A asa da xícara quebrou.*

(73) *A bateria do celular acabou.*

Contudo, considerando o Princípio de Correspondência, como proposto por Goldberg (1995, 2006), essa opção pode, dependendo de aspectos pragmático-discursivos, gerar uma espécie de *mismatch* semântico-discursivo. Isso porque a intuição por trás do Princípio de Correspondência é que a semântica lexical e a pragmática discursiva estão, em geral, alinhadas. Ou seja, os participantes que são altamente relevantes para o sentido do verbo (*the profiled participant roles*) são provavelmente os mesmos que são relevantes ou importantes para o discurso, tendo em vista que aquele verbo particular foi escolhido dentre outras alternativas lexicais. Ocorre que aos papéis realizados como sujeito e objeto é atribuído um alto grau de proeminência discursiva, de modo que eles, normalmente, serão ou tópico ou foco no discurso. Mas isso não acontece em (66-69), onde o núcleo

do SN-sujeito (**sola; pneu; asa; bateria**) não corresponde, via de regra, ao elemento discursivo principal, que, nesses casos, tende a ser o TODO: **sapato; carro; xícara; celular**.

É aí que, segundo nossa análise, entra a motivação da CAC. A CAC se apresenta para o usuário como uma possibilidade de expressar um dano que afeta diretamente uma entidade e, indiretamente, o TODO ao qual essa entidade está intrinsecamente ligada. Com isso, diante da estrutura argumental da CAC – que apresenta duas lacunas –, o falante desmembra o SN complexo que realiza o EF Entidade Afetada, de modo a preencher essas duas lacunas da construção. Essa configuração da CAC atende ao Princípio da Correspondência, alinhando a semântica lexical e a pragmática discursiva: o SN-TODO ocupa a posição de sujeito da construção, exercendo a função de tópico sentencial.

Adotamos neste trabalho a definição de tópico apresentada em Lambrecht (1994, p.118): “[...] *the topic of a sentence is the thing which the proposition expressed by the sentence is about.*” Lambrecht reconhece a relação dessa definição com a noção de sujeito, mas enfatiza que o tópico de uma sentença não será necessariamente seu sujeito gramatical, e que os sujeitos gramaticais das sentenças não serão necessariamente tópicos.

A proposta de Lambrecht é que, para saber se um SN-sujeito é tópico, é preciso saber se a proposição expressa pela sentença pode ser interpretada como sendo SOBRE esse SN; em outras palavras, se a proposição pode ser considerada **informação relevante** sobre tal SN. Assim, uma das estratégias sugeridas por Lambrecht é verificar se a sentença responde adequadamente à questão: “*o que aconteceu com __^{SN}?*”. Para fins de ilustração, consideremos a adequação da CAC para responder à questão estipulada em (74).

(74) (*O que aconteceu com o relógio?*) Após um ano e um mês de uso **o relógio arrebitou a pulseira** e começou a dar um defeito no display de cristal liquido.
(Reclame Aqui)

Como vemos, a CAC parece responder adequadamente à pergunta formulada em (74). Inclusive, parece ser uma resposta melhor do que a Ergativa Canônica:

(75) (*O que aconteceu com o relógio?*) Após um ano e um mês de uso a pulseira do relógio arrebitou e (ele) começou a dar um defeito no display de cristal liquido.
(Reclame Aqui)

Assim, assumindo que a estrutura informacional é um componente da gramática que atua de modo determinante na estruturação formal das sentenças, acreditamos que a Construção de Argumento Cindido, neste artigo representada por seu subtipo CAC-artefato, é uma construção pragmaticamente motivada. Em

outras palavras, entendemos que a diferença formal entre (74) e (75) deve-se à necessidade pragmática de evidenciar a função discursiva de tópico do SN-TODO, nesse caso, **o relógio**.

Essa proposta de análise é condizente com a equilibrada alternância observada em relação à CAC-artefato (ver tabela 1). O sujeito dessa construção é um objeto, um artefato, que não exerce tão marcadamente o papel discursivo de tópico. É muito comum que um enunciado envolvendo um dano em um artefato tenha a intenção comunicativa de simplesmente reportar um evento, e não a de oferecer informação relevante sobre um sapato ou uma cadeira, por exemplo. Por isso, nesses casos, a Ergativa Canônica é uma opção de fato. E é exatamente o fato de o usuário ter essa opção que torna mais rica e reveladora a análise da CAC-artefato; isso porque, como há alternância, podemos fazer comparações e identificar condições de uso impossíveis de serem verificadas nos outros membros dessa família de construções. De fato, a alternância entre Ergativa Canônica e CAC-artefato (76) é muito mais frequente e natural do que, por exemplo, a alternância entre a CAC-parte do corpo e a Ergativa Canônica (77), como ilustrado abaixo.

- (76) a. **a correia de borracha do patinete arrebentou**. (Reclame Aqui)
b. **o patinete arrebentou a correia de borracha**

- (77) a. **a atriz quebrou o braço esquerdo em briga com Camargo**. (Folha de São Paulo)
b. **o braço esquerdo da atriz quebrou em briga com Camargo**.

Comparando os dois usos, podemos, por exemplo, verificar que a realização anafórica do SN-TODO é muito mais comum na CAC do que na Ergativa Canônica. Isso reforça a interpretação de tópico desse SN. Como observa Lambrecht (1994), é muito comum que um referente que é tópico no nível do discurso apareça primeiramente em uma expressão de foco para, em uma sentença subsequente, aparecer como tópico sentencial. Nossos dados confirmam: esse é um padrão de ocorrência muito frequente com a CAC-artefato.

- (78) *Comprei **um tênis DMX 10** exatamente no dia 05/05/2004, achando que estava fazendo aquisição de um excelente produto para satisfazer minhas expectativas. Não o utilizo para atividades físicas de alto desempenho, mas **este** começou a rasgar o revestimento interno no local do calcanhar.* (Reclame Aqui)
- (79) *Comprei **um aparelho Motorola i850** ha alguns meses atras e **o mesmo** quebrou o flexcable.* (Reclame Aqui)
- (80) *Comprei **uma bicicleta** no Carrefour semana passada e **a mesma** quando sai da loja arrebentou o guidom a 30 metros que eu andava sobre ela.* (Reclame Aqui)

- (81) *ganhei **um sapato** de presente em janeiro e **ele** arrebitou a correia 4 vezes*
(Reclame Aqui)

Outra evidência a favor da análise aqui proposta é a maior ocorrência da Ergativa Canônica para descrever eventos que envolvem **parte** e **subparte** de artefatos, de modo que a CAC é preferida quando a relação é entre **parte** e **todo**. Tal condição é facilmente explicada pelo fato de que **carro, ventilador e geladeira**, por exemplo, são melhores candidatos a tópico do que **farol, pá e gaveta**, respectivamente.

- (82) *Com a pancada **o suporte do farol de milha quebrou**. O farol ficou intacto, apenas o suporte quebrou.* (Reclame Aqui)

- (83) *Prezados amigos, adquiri um ventilador Spirit e **a pá da hélice quebrou**, ja tentei em diversas assistências técnicas e nenhuma tem a pá da hélice.* (Reclame Aqui)

- (84) ***A tampa da gaveta de verduras já quebrou** duas vezes. E eu garanto que não colocamos Mas ela quebrou novamente e nao tive paciência.* (Reclame Aqui)

Assim, o levantamento e análise dos aspectos formais, semânticos e pragmáticos da CAC-artefato feitos até aqui fundamentam a conclusão de que esta é uma construção de tópico, específica do Português do Brasil, com uma estrutura sintática e semântica bem definida.

Considerações finais

A construção aqui rotulada CAC-artefato é citada em vários estudos (PONTES, 1987; CANÇADO, 2009; CIRÍACO, 2007; PERINI, 2008) – normalmente com o exemplo “**O carro furou o pneu**” – como uma construção que mereceria uma análise específica e uma descrição rigorosa, dado seu uso profuso e sua curiosa estrutura sintático-semântica, evidente já ao primeiro olhar mais atento. Esta é, de fato, a lacuna que nosso estudo pretendeu preencher.

Os constructos teóricos da Gramática das Construções permitiram-nos abordar esse fenômeno linguístico de um modo, ao mesmo tempo, abrangente e coeso. Com o olhar filtrado pelas lentes de tais constructos teóricos logramos reconhecer nesse par forma-sentido – bastante regular no Português do Brasil – uma Construção de Estrutura Argumental, pragmaticamente motivada, na qual é possível identificar um desencontro sintático-semântico.

Um aspecto relevante da abordagem aqui proposta é o fato de termos voltado nosso olhar para a materialização do fenômeno linguístico. Em um momento em que as grandes vertentes de estudos da linguagem parecem convergir para o

reconhecimento de que análises de fenômenos linguísticos devem considerar fatos sobre o uso linguístico efetivo, apresentamos uma análise construída a partir de dados reais de uso do Português do Brasil.

SAMPAIO, T. F. The split argument construction with device-NP: The syntactic-semantic mismatch in a topic construction. *Alfa*, São Paulo, v.57, n.1, p.199-227, 2013.

- *ABSTRACT: Adopting the Usage-Based Construction Grammar perspective (GOLDBERG, 1995 and 2006; TOMASELLO, 2006), this paper presents and discusses a syntactic-semantic mismatch case in a Brazilian Portuguese Topic Construction. The Split Argument Construction with Device-NP (“Meutênis descolou o solado”, “O computador queimou o HD”) was first described and analyzed in a study that identified a family of Split Argument Construction (SAMPAIO, 2010). In a brief presentation of the theoretical assumptions, the Construction and Argument Structure Construction concepts (GOLDBERG, 1995 and 2003), and the concept of mismatch (FRANCIS; MICHAELIS, 2000; MICHAELIS, 2004; TRAUGOTT, 2007) are especially discussed. Analyzing usage data, the study tries to provide a comprehensive treatment of the phenomenon, considering the construction’s syntactic, semantic and pragmatic aspects. The analysis identifies – in the instantiations of this construction – a mismatch in the number of arguments (one semantic and two syntactic arguments), and confirms its pragmatic motivation, characterizing it as a Brazilian Portuguese topic construction.*
- *KEYWORDS: Construction grammar. Topic. Split argument. Syntactic-semantic mismatch.*

REFERÊNCIAS

BARDDAL, J. Predicting the productivity of argument structure constructions. In: ANNUAL MEETING OF BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 32., 2006, Berkeley. *Proceedings*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 2006. p.467-478.

CANÇADO, M. *Talking about agents and beneficiaries*. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/marciacancado/Talking%20about%20Agents%20and%20Beneficiaries%20in%20Brazilian%20Portug%E2%80%A6.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2009.

CIRÍACO, L. *A alternância causativo-ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas*. 2007. 112f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

CULICOVER, P.; JACKENDOFF, R. *Simpler Syntax*. New York: Oxford University Press, 2005.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300-1900*. National Endowment for the humanities, 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

FILLMORE, C. J. Topics in lexical semantics. In: COLE, R. W. (Org.). *Current issues in linguistic theory*. New York: Rinehart and Winston, 1977. p.76-138.

FRANCIS, E. J.; MICHAELIS, L. Approaches to mismatch: introduction. In: BUTT, M.; KING, T. H. (Ed.). *Proceedings of the BFG00 conference workshops*. Stanford: CSLI Publications, 2000. Disponível em: <<http://csli-publications.stanford.edu/LFG/5/bfg00/bfg00francis-michaelis.html>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. Argument realization: the role of constructions, lexical semantics and discourse factors. In: OSTMAN, J.-O.; FRIED, M. (Ed.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p.17-44.

_____. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Science*, Oxford, v.7, n.5, p.219-224, 2003.

_____. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GRIES, S. Corpus data in usage-based linguistics: what's the right degree of granularity for the analysis of argument structure constructions? In: MARIO, B.; FUCHS, M. Ž.; GRIES, S. T. (Ed.). *Expanding cognitive linguistic horizons*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p.237-256.

GRIES, S.; DIVJAK, D. S. Quantitative approaches in usage-based cognitive semantics: myths, erroneous assumptions, and a proposal. In: DYLAN, G.; FISCHER, K. (Ed.). *Quantitative methods in cognitive semantics: corpus-driven approaches*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p.333-354.

KATO, M. A. Sujeito e tópico: duas categorias em sintaxe? *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v.17, p.109-132, 1989.

KAY, P. Argument structure constructions and the argument-adjunct distinction. In: FRIED, M.; BOAS, H. (Ed.). *Grammatical constructions: back to the roots*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p.71-98.

KAY, P.; MICHAELIS, L. Constructional meaning and compositionality. In: HEUSINGER, C.; VON MAIENBORN, K.; PORTNER, P. (Ed.). *Semantics: an international handbook of natural language meaning*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p.2271-2296.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MICHAELIS, L. A. Sign-based construction grammar. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Ed.). *The oxford handbook of linguistic analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p.155-176.

_____. Entity and event coercion in a symbolic theory of syntax. In: OESTMAN, J. O.; FRIED, M. (Ed.). *Construction grammar(s): cognitive grounding and theoretical extensions: constructional approaches to language*. Amsterdam: Benjamins, 2005. v.3. p.45-87.

_____. A type shifting in construction grammar: an integrated approach to aspectual coercion. *Cognitive Linguistics*, Berlin, v.15, p.1-67, 2004.

PERINI, M. A. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.

PETRUCK, M. R. L. Frame Semantics. In: VERSCHUEREN, J. et al. (Ed.). *Handbook of pragmatics*. Philadelphia: John Benjamins, 1996. Acesso em: <http://www.princeton.edu/~adele/LIN_106:_UCB_files/Miriam-Petruck-frames.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2010.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

SALOMÃO, M. M. M. A construção modal com dar no português do Brasil: metáfora, uso e gramática. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.16, p.83-115, 2008.

SAMPAIO, T. F. *A família de construções de argumento cindido no português do Brasil*. 2010. 152f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SARDINHA, T. B. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. Collostructions: investigating the interaction between words and constructions. *International Journal of Corpus Linguistics*, Nottingham, v.8, p.209-243, 2003.

TOMASELLO, M. Construction grammar for kids. *Constructions Online.de*, volume especial 1, 2006. Disponível em: <<http://elanguage.net/journals/constructions/article/view/26>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

_____. *Constructing a language: a usage based theory of language acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. *Cognitive Linguistics*, Berlin, v.18, p.523-557, 2007.

Recebido em 30 de setembro de 2011

Aprovado em 01 de dezembro de 2012

